

CISION



Global Media Intelligence

PRESS BOOK

1. (PT) - Bola, 22/06/2013, Alavatum fora da Champions	1
2. (PT) - Bola, 22/06/2013, Portistas sem entrada direta	2
3. (PT) - Correio do Minho, 21/06/2013, Diogo Branquinho reforça plantel do ABC/UMinho	3
4. (PT) - Correio do Minho, 21/06/2013, Xico Andebol distingue atletas no fecho da época	5
5. (PT) - Diário de Aveiro, 21/06/2013, Um sonho que custa 15 mil euros	6
6. (PT) - Plural & Singular, 01/06/2013, Renovação etária fundamental no Desporto de Elite - Entrevista a Humberto Santos	8

Alavarium fora da Champions

→ **Campeão nacional não irá participar na Liga dos Campeões feminina**

Segundo o site da Federação Europeia de Andebol (EHF), o Alavarium não foi confirmado como participante e o nosso jornal sabe que as aveienses vão jogar a Taça EHF. Pelo segundo ano consecutivo Portugal não terá representante na maior prova europeia feminina de clubes. Na Taça EHF jogará também o Colégio João de Barros, 2.º classificado do Nacional. De fora, também pelo segundo ano consecutivo e por razões económicas, fica a Madeira SAD, sendo que as insulares tinham lugar na Taça das Taças. Assim a Juve Lis jogará a Taça das Taças (tinha vaga na Challenge) e abre uma nova vaga nesta última prova, para o Colégio de Gaia, que se junta ao estreante JAC – Alcanena, 5.º do Campeonato Nacional.

ANDEBOL

Portistas sem entrada direta

→ **FC Porto joga qualificação para concretizar sonho da fase de grupos da Liga dos Campeões**

O FC Porto terá de jogar um dos torneios de qualificação — agendados para 31 de agosto e 1 de setembro, em sistema de meias-finais e final — para entrar na tão ambicionada fase de grupos. Certo é também que os azuis e brancos estão no *pote* 3, sendo que irão jogar as meias-finais contra as formações do *pote* 4, Alpla Hard (Áustria), Elverum (Noruega) e Besiktas (Turquia), em sistema de meias-finais e final. No mesmo *pote* dos dragões encontram-se Vojvodina (Sérvia) e TATTRAN Presov (Eslováquia). Os *potes* 2 e 5 incluem Dinamo Minsk, Borac Banja Luka, Constanta, Motor Zaporozhye, AEK Atenas e Volendam. O sorteio será no



PEDRO G. LIMA/ASF

Dragões ambicionam a fase de grupos

dia 27 de junho e o da fase de grupos no dia seguinte.

Com um novo sistema de qualificação — 19 das 24 equipas já estão na fase de grupos — duas das vagas virão dos torneios (onde estão os portistas), uma outra virá do torneio *wild-card* e ainda duas de *play-offs*: uma *wild-card*, entre o campeão em título Hamburgo e os compatriotas do Fuchse Berlin e outra entre Drott (Suécia) e Esch (Luxemburgo), presentes nos *potes* 1 e 6. Para o torneio *Wild-Card* sete equipas candidataram-se, mas só o quarteto composto por Montpellier (França), Wisla Plock (Polónia), Metalurg (Macedónia) e Pick Szeged (Hungria) garantiram vagas, ficando de fora Kadetten (Suíça), Kristianstad (Suécia) e Skjern (Dinamarca). H.C.



> Miguel Sarmento, José Pedro Coelho e José Ricardo Costa são os atletas que estão de saída do ABC.

INTERNACIONAL SUB-19

ANDEBOL

A. C. FAFE

Diogo Branquinho reforça plantel do ABC/UMinho

Diogo Branquinho, ponta-esquerda, 19 anos, será reforço do plantel do ABC/UMinho para a próxima temporada desportiva. É o terceiro reforço anunciado no clube bracarense.

> paulo machado

O plantel do ABC/UMinho começa a ganhar forma tendo em vista a participação na época 2013/2014. Diogo Branquinho pauta-se como a mais recente contratação do clube bracarense, chegando a acordo para representar o ABC. O atleta vem do São Bernardo contando com experiência ao nível das selecções, sendo internacional sub-19. Será uma "mais-valia" a ter em conta no plantel comandado por Carlos Resende. Branquinho junta-se a mais dois reforços já anun-



DR

Diogo Branquinho vai jogar em Braga na próxima temporada

ciados para a próxima temporada desportiva. Carlos Siqueira e João Paulo Pinto são os duas das caras novas do plantel do ABC para a próxima época. Ambos tiveram percursos semelhantes, tendo passado pelo Sporting e Belenenses e nas últimas épocas.

Enquanto se anuncia a chegada de uns jogadores, outros estão de saída. Miguel Sarmento concluiu o ciclo no ABC e na próxima temporada vai jogar no FC Porto. De saída do clube estão ainda José Pedro Coelho e José Ricardo Costa.



Diogo Branquinho reforça
plantel do ABC/UMinho



PARA O ANO ESTÁ GARANTIDA A CONSTITUIÇÃO DE UMA EQUIPA FEMININA

Xico Andebol distingue atletas no fecho da época

> p. m.

Diogo (infantis) foi considerado o atleta revelação do ano no Xico Andebol, enquanto Pedro Carvalho recebeu a distinção de atleta do ano. Como treinador do ano foi eleito o professor Rafael, que comandou a equipa de juniores na época que agora chega ao fim. Desta feita, o clube vimaranense encerrou a época desportiva que ficou marcada pela despromoção da equipa sénior para a II divisão nacional, mas a direcção mantém-se firme e com ideias bem convicidas em relação

à recuperação financeira do clube e a manutenção de "um património cultural da cidade", como referiu o presidente do clube, Fernando Alves Pinto.

Ao fim de um ano na liderança da direcção, Alves Pinto destacou o trabalho desenvolvido — "que só Deus sabe aquilo que passámos" — e deixou a promessa: "pensamos em desistir, mas não vamos desistir. Estamos cá para aguentar o mandato até ao fim", assumiu.

Num discurso emotivo, Alves Pinto defendeu o plano de "continuidade na refundação" do

clube e anunciou algumas novidades para a próxima temporada desportiva. É o caso da constituição de uma equipa de andebol feminino e também a aposta na secção de ginástica acrobática. Noutro plano, verificou a "necessidade" de proceder a melhorias ao nível das infraestruturas. Para já, referiu que "o pavilhão do Xico deve ser mais atractivo e mais bonito". A esse propósito, quatro arquitectos do Porto vão preenher as paredes do exterior com grafitties, fruto de um apoio que partiu de uma outra associação de Guimarães, o Convívio.



Pedro Carvalho, Diogo e Rafael foram os homenageados do Xico Andebol



Um sonho que custa 15 mil euros

Andebol Ulisses Pereira, que garante a continuidade de praticamente todo o plantel, considera que o Alavarium merece estar nas competições europeias

Alexandre Silva

Ao conquistar o título de campeão nacional de seniores femininos, o Alavarium Andebol Clube fez história ao trazer para Aveiro um troféu único na história do desporto concelhio. O feito, por si só, permite que a formação orientada por Ulisses Pereira possa estar, por mérito próprio, presente nas competições europeias em 2013/2014.

Permite, mas não garante. Na homenagem feita pela Câmara Municipal de Aveiro, no último domingo, à equipa campeã nacional, Ulisses Pereira fez um apelo, não só à autarquia de Aveiro, representada por Élio Maia na cerimónia, como a todos os presentes, e eram muitos, entre amigos e antigos atletas e dirigentes.

O "sonho", como referiu o responsável técnico, tem uma estimativa já feita. Uma espécie de preço e custa 15 mil euros. "As nossas atletas já estão a produzir material promocional do clube para poderem vender.



RICARDO CARVALHAL

Ulisses Pereira quer que a equipa participe nas provas europeias

Cada uma delas ficou responsável por arranjar 100 euros nesta iniciativa. O resto tem de ser através das empresas e entidades oficiais. Não é um valor extraordinário, mas para nós marca a diferença de se conseguir ir, ou não, às competições europeias. Por tudo o que

fizeram, elas merecem lá estar", explica Ulisses Pereira.

Plantel fica quase todo

Na próxima época, o Alavarium vai manter toda a estrutura directiva da equipa sénior, assim como a equipa técnica, composta por Ulisses Pereira

e Carlos Neiva. Quanto ao plantel há uma saída já certa, a de Rita Alves, que, segundo o treinador, tem a "natural pretensão de jogar mais", visto que é "internacional portuguesa" e esta época que passou "fez poucos minutos".

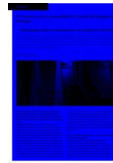
Depois, tanto a experiente Ana Seabra, como Cláudia Correia, podem ser "forçadas" a sair da equipa aveirense. A primeira por ser professora "e não saber onde vai ser colocada. A ideia é que se encontre uma solução aqui perto. Mas não é certo". Já Cláudia Correia tem, de acordo com o responsável, "uma proposta do estrangeiro, mas a permanência dela depende, também, de encontrar uma saída profissional adequada em Aveiro".

Quanto a contratações, Ulisses Pereira diz que a chegar alguém será apenas "uma jogadora", mas que ainda é cedo para se confirmar. Até porque a ideia é "manter o plantel praticamente todo", fazendo fé na máxima de que em equipa que ganha não se mexe".



Sonho europeu custa 15 mil euros

Alavarium | P30



ENTREVISTA

À conversa com o presidente do Comité Paralímpico de Portugal

Renovação etária fundamental no Desporto de Elite

Foi reeleito presidente em março deste ano. É o timoneiro dos destinos paralímpicos de Portugal desde a criação deste organismo em 2008. Antes já o fazia na FPDD, a qual descreve como “parceira”. Humberto Santos, em entrevista à Plural&Singular, fez uma perspetiva do que foi Londres 2012, desvendando algumas pontinhas do véu sobre Rio2016. Garantir mais financiamento e captar mais jovens, modalidades e mulheres atletas são os principais objetivos futuros.

Texto: Paula Fernandes Teixeira

Fotos: Gentilmente cedidas por CPP



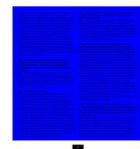
Plural&Singular (P&S) – É presidente do Comité Paralímpico Português (CPP) desde 2008. Que balanço faz destes anos de atividade? A realidade do CPP é muito diferente atualmente face há cinco anos atrás?

Humberto Santos (HS) – Há diferenças muito significativas. Há cinco anos atrás, a única coisa que tínhamos em mãos era a vontade de construir este projeto. Não tínhamos mais nada que isso. Tínhamos alguns estatutos que tinham sido trabalhados em sede de comissão instaladora e não tínhamos instalações, nem quadro profissional. A nossa atividade nem sequer estava regulamentada. Os membros não existiam, ou seja, os que tínhamos eram membros que já vinham da FPDD... O Comité Paralímpico emerge de dentro da FPDD, onde fui presidente da direcção... E, decorridos estes quatro anos, e ninguém estava convencido de que o país iria ser confrontado com a realidade económica

com que está confrontado... Ainda assim, e não obstante estas dificuldades que significam mais dificuldades por parte da administração pública em financiar o Comité Paralímpico, menos apoio das empresas e do tecido empresarial... Não obstante este contexto muito desfavorável do ponto de vista económico e financeiro, a avaliação que fizemos no final do ciclo anterior foi muito positiva.

P&S – Balanço muito positivo... Pode dar exemplos do que foi alcançado?

HS – Muito positivo, quer pela dinâmica que conseguimos incutir na organização. Quer a estruturação da própria organização... Também pela forma como foi apressada a afirmação institucional do Comité Paralímpico Nacional. Este organismo começou com nove membros e neste momento tem 29 membros. Desta evolução podem ser retiradas



várias conclusões. Neste momento, temos connosco 19 federações de modalidade, o que é algo muito significativo e muito relevante. E temos, também, três academias/universidades: Faculdade de Motricidade Humana, a Universidade de Évora e a Escola Superior de Desporto de Rio Maior. Sobre as universidades... São uma dimensão que entendemos como fundamental, no sentido em que, quer os cursos que estão a ser lecionados nestas escolas, quer os programas de mestrado e doutoramento, quer a investigação em si, possam, também, ser direccionadas para a dimensão paralímpica, como tem vindo a ser feito, e bem, na dimensão paralímpica. Nós temos de fazer formação sistematizada, formação trabalhada, que possa, depois, sustentar a nossa atividade junto do Governo e outros agentes. E as faculdades dão-nos esse apoio do ponto de vista da sistematização.

P&S – Já agora, dentro ainda do tema do ensino, imaginamos que também seja importante essa proximidade com as academias no âmbito da sensibilização... Despertar de mentalidades para a inclusão...

HS – Sim. Exatamente. É, de facto, decisivo que os jovens que estão a sair das faculdades possam sair já, de alguma forma, contaminados por esta realidade. Ou seja, possam ter logo consciência de que temos uma realidade desportiva que vai muito para além daquilo que é considerado normal.

P&S – Voltando ao balanço...

HS – Conseguimos, não obstante o contexto, ir além daquelas que eram as nossas melhores expectativas. Eu estive envolvido em tudo o que foi feito... Em todas as reuniões com federações de modalidade e fui surpreendido com uma abertura, uma disponibilidade, que jamais esperava encontrar, considerando que também as federações estão a passar um mau momento. A resposta não foi homogénea... Da mesma forma que não é homogénea a forma de envolvimento neste momento... Há federações que, de facto, estão já com quadros competitivos desenvolvidos e têm campeonatos criados para a modalidade adaptada... Há federações que têm comissões internas específicas para acompanhar esta modalidade especificamente. Houve federações que preferiram, aquando das suas eleições internas, destacar membros das suas direções para acompanhar esta dimensão, atribuindo quadros técnicos...

P&S – Os caminhos não são todos iguais, mas nota um esforço crescente e significativo por parte dos parceiros do CPP?

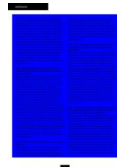
HS – Existe um esforço significativo, sem dúvida. Há federações que estão a levar atletas a campeonatos internacionais e se não se tratarem de atletas que não estão no Projeto Rio, essas federações não têm qualquer apoio. Portugal vai ter ao longo deste ano, vários atletas em campeonatos da Europa e campeonatos do Mundo, em cujo esforço financeiro é totalmente feito pelas federações. Há que louvar esse facto.

P&S – Nas últimas eleições (março de 2013) foi candidato único à presidência do CPP. Sentiu a obrigação de continuar à falta de mais candidatos? Este é, realmente, um projeto de vida para si, certo?

HS – Tenho muitos anos ligados à área da deficiência, mas a decisão não teve a ver com isso. O meu trabalho ao longo dos anos tem sido o de um ativista cívico em regime de voluntariado, e só neste projeto é que estou envolvido de forma permanente. Nos anteriores, não. E quando a decisão foi tomada de apresentar candidatura, não sabíamos se existiriam ou não outras candidaturas. O que sabíamos era que – e esta candidatura surge na sequência da avaliação que foi feita no seio da comissão executiva anterior – era importante manter a mesma estrutura, a mesma dinâmica, tendo em vista que estamos a falar de um projeto recente. Considerou-se que este organismo, se não for devidamente alicerçado e sustentado, a realidade evolutiva pode ter um retrocesso. E, assim, considerou-se que, com um balanço positivo no passado, se podia apostar no futuro. No entendimento da comissão anterior, era importante dar continuidade ao trabalho.

P&S – É frequente ouvirmos críticas/lamentos por parte de atletas, federações e clubes sobre as faltas de apoio ao desporto paralímpico... Qual a sua opinião? Há falta de investimento no desporto adaptado em Portugal?

HS – Temos dois quadros. Um primeiro quadro sobre aquilo que tem sido o investimento estatal e ao nível do investimento estatal o que verificamos é que, não obstante ter existido o projeto Pequim e o projeto de Londres com um aumento de cerca de 70 por cento de investimento público, ainda assim, fica muito aquém daquelas que são as reais necessidades destes atletas. Com uma situação particularmente gravosa que é:



além de ficar aquém, a oportunidade dos pagamentos deixaram, ao longo do ciclo, muito a desejar. Houve demasiadas interrupções nos pagamentos às federações, atletas e treinadores... Por várias razões, o Estado não libertou, várias vezes, a tempo e horas os respetivos montantes. Alterar isto, é algo que está a ser alvo de uma insistência permanente do CPP, junto dos diferentes elementos da tutela. É preciso melhorar os montantes mas também a oportunidade de disponibilização de recursos. As pessoas precisam dele mensalmente e não por atacado. Existem muitos investimentos feitos por antecipação por atletas e treinadores... Isto é frequente e deve ser evitado... Isto é algo que queremos resolver antes do projeto Rio 2016. Esta é uma realidade de entropia no desporto. E estamos a falar de desporto ao mais alto nível, por isso temos de construir um quadro de maior eficácia na aplicação das regras e de financiamento.

P&S – Que feedback tem recebido por parte das entidades governamentais? Tem boas notícias para o projeto Rio 2016?

HS – De momento [entrevista realizada em finais de abril] não existem notícias. Nós apresentamos em 3 de agosto de 2012, antes de irmos para Londres, uma proposta de projeto ao Governo. Ou seja, o secretário de Estado do Desporto de então, dr. Alexandre Mestre, recebeu-nos em audiência e foi-lhe entregue em mão uma proposta do documento do Comité. Estrategicamente, tínhamos decidido que queríamos, antes de ir para Londres, apresentar uma proposta já sobre Rio 2016. Eu disse publicamente que era para nós importante que a 31 de dezembro de 2012, houvessem notícias sobre essa nossa proposta. Ou seja, procuramos apresentar uma proposta com cinco meses de antecedência para evitar situações de adiamento. Foi entendimento do sr. secretário de Estado que até haver eleições nos dois Comités [Olímpico e Paralímpico] que não se deveriam desenvolver procedimentos sobre o contrato-programa de Rio 2016, uma vez que se iam verificar eleições, logo as comissões executivas poderiam ser distintas daí para a frente. Na altura, apenas recordei que não deveria haver interrupção de financiamento aos atletas e Federações. Ficou acordado que ele iria fazer um despacho, o que fez, relativo ao pagamento das bolsas dos atletas.

P&S – E esse pedido foi cumprido? Estão a ser pagas as bolsas?

HS – Não está a correr bem. Só muito recentemente, na semana passada aliás, é que recebemos as verbas do Estado. E agora o processo administrativo tem de ser desenvolvido junto da FPDD e das federações que

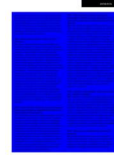
têm atletas no processo. Mas este apoio e este contrato-intercalar é apenas até maio. Ou seja, temos valores iguais aos de Londres, cujo objetivo é que fossem disponibilizados em tempo útil para que os atletas não tivessem qualquer interrupção no seu apoio. Após isto, não temos novidades. Entretanto já tive uma primeira conversa com o novo secretário de Estado, dr. Emídio Guerreiro, ao qual transmiti, entre outras preocupações, exatamente esta.

P&S – Mas, exatamente, o que preocupa o CPP neste momento? O Apoio para o projeto Rio 2016 está ameaçado?

HS – A construção de um contrato-programa e de um regulamento para um evento desta natureza e dimensão – estamos a falar de uma preparação que leva quatro anos – é, em regra, complexo, carecendo de muito envolvimento e muita atenção. A mim preocupa-me que estejamos a cerca de um mês do final de maio e que não se tenham iniciado as negociações que visem este contrato. Assim, voltando à questão da sensibilização, por parte do CPP, às entidades públicas... Também já tive oportunidade de falar com o sr. secretário de Estado da Solidariedade, dr. Marco António Costa. Não se pode correr o risco de não haver mais financiamento para os atletas porque, entretanto, os contratos não estão assinados. Não se sabe se as bolsas vão ser maiores ou não. Não sabemos se o investimento na preparação vai ser igual. E há algo mais profundo do que isto: é que o projeto olímpico e paralímpico pode não vir a ser desenvolvido pelos Comités. Não está posta de parte a hipótese de ser a tutela a coordenar, diretamente, com as federações.

P&S – E qual é a sua opinião? Acha que a tutela poderá ter esta pasta ou devem ser os Comités a manter o relacionamento direto com as federações?

HS – Devem ser introduzidos alguns dispositivos que permitam haver maior assertividade entre aquilo que é projetado nos programas de preparação dos atletas e aquilo que de facto é executado. Deve haver uma maior exigência nos planos de preparação. E somos da opinião que devem ser atribuídas aos Comités e às federações competências que lhes permitam obter uma grande assertividade entre o projetado e o executado. Assim, é decisivo que os apoios venham a tempo e horas. E também defendemos que os montantes sejam alterados de forma substancial porque os valores atuais são muito baixos face à realidade económica. A nossa opinião é uma opinião de continuidade. Mas, sobre o Comité Paralímpico, estamos a falar de um ciclo porque antes este Comité não existia. Reconhecemos



que existem matérias em que temos de melhorar e para isso também a tutela desportiva tem de regulamentar a nossa função, dando-nos um outro tipo de atribuições, responsabilidades, e um outro tipo de envolvimento. Mas se assim não for, para nós, também não constitui um óbice. Entendemos que se poderá perder algumas dinâmicas e sinergias mas o Governo tem todo o poder para tomar decisões nesta matéria.

P&S – Onde ainda é possível ir “bater à porta”?

Privados...

HS – Bater à porta é possível, mas não é líquido que tenhamos resultados. Posso dar nota de que temos um trabalho de marketing muito estruturado. Já envolvemos muitas pessoas no trabalho de sensibilização das empresas... Acharmos que o reforço de participação da sociedade é importante. Mas, os resultados não são nada animadores. Já me desloquei a algumas empresas. Recentemente estive, por este motivo duas vezes, no Norte. O nosso gabinete de marketing também tem feito um conjunto de reuniões com os mais altos responsáveis de empresas... Mas os resultados são preocupantes. Aquela ideia que existia há uns anos atrás de que o Estado não podia dar todo o apoio e tínhamos de recorrer ao setor privado é algo que, do ponto de vista de princípio posso subscrever, mas na prática não tem tradução objetiva. Há um contexto pouco animador. Tínhamos, no quadro anterior de financiamento, regras que agora alteramos. E alterámos para facilitar os processos. E ainda assim, não temos entidades que assumam disponibilidade para acompanhar o processo durante quatro anos. Posso referir a perda considerável que foi a da Fundação Galp Energia... É uma situação delicada.

P&S – O que considera que pode ser uma participação histórica de Portugal nos Jogos Rio2016? Superar as três medalhas de Londres2012?

HS – Muito feliz seria ver Portugal a participar com mais modalidades, mais mulheres e mais jovens. Considero que estamos muito restritos a cinco/seis modalidades, quando existe uma panóplia enorme de modalidades que podiam ser potenciadas para estar representadas nos Paralímpicos. Temos um número de atletas feminino ainda muito reduzido. Há um dado preocupante que é: de Pequim para Londres a participação feminina foi reduzida. E decisivo é mesmo o surgimento de novos valores desportivos. Precisamos de atletas de excelência com idades mais novas. Portugal participou, em Londres, com uma média etária de 32,7, é uma média etária muito elevada. É muito difícil esta faixa etária conseguir chegar lá e ter bons resultados.

P&S – Mas, tendo em conta que a captação de investimento é difícil, tanto para federações, como para clubes, como é que se pretende investir em novos valores?

HS – Nós temos uma postura otimista sobre as coisas. Temos um otimismo relativo, mas temos de acreditar que os projetos vão andar e têm pernas para crescer. E não basta apenas acreditar. É preciso acreditar. Há uma mais-valia que nos pode ajudar para que isso aconteça. Qual é essa mais-valia? São as federações. Ao envolvermos mais clubes e federações e ao fazermos com que o desporto da área da deficiência passe a ser um desporto não só praticado no âmbito de organizações da área da deficiência, mas passe a ser praticado de forma normal, em contexto normal de modalidade, há uma panóplia de oportunidades completamente diferente. Nós, neste momento, temos atletas na canoagem, no ciclismo, no judo, no karaté, no taekwondo, áreas em que nós, Comité Paralímpico, não estamos a apoiar rigorosamente em nada. O que está a acontecer é que as próprias federações estão a mobilizar-se internamente para criar espaço e dar oportunidade a atletas com potencial. Isto significa que, na verdade, se tudo estiver, apenas e só, dependente de uma ou duas federações e do Comité, claro que vai ser difícil. Mas se o esforço de envolvimento for mais amplo – tendo como objetivos mais jovens, mais modalidades e mais senhoras a competir – é possível.

P&S – Garantir a continuidade é mais importante do que conquistar medalhas...

HS – Se falarmos mais perto dos jogos, daqui a dois/três anos, se na altura eu tiver uma opinião diferente desta é porque sinto que já temos mais modalidades, mais jovens... Nessa altura posso dizer que o objetivo são as medalhas. Mas agora, decisivo, decisivo, é conseguirmos renovar o nosso quadro de elite. Só renovando o quadro de elite, conseguimos mais medalhas. Temos um estudo que comprova que 60 por cento dos atletas que foram a Londres, estiveram em Sidney. A anatomia é uma dinâmica incontornável. O corpo humano não consegue um processo reversivo. Se queremos voltar a resultados de Sidney, temos de criar melhores condições.

P&S – Alguma nova modalidade que gostasse de destacar?

HS – Relativamente a isso, tenho uma abordagem absolutamente eclética. Todas as que vierem são bem-vindas. Neste momento nem tenho nenhum dado específico sobre alguma modalidade. Sei que existem federações a trabalhar arduamente neste sentido.



P&S – Como descreve a relação entre o CPP e a Federação Portuguesa de Desporto para pessoas com Deficientes? Uma parceria importante? Um complemento?

HS – Todas as federações que estão ligadas ao Comité Paralímpico são um elemento essencial da nossa existência. Sem federações não existe Comité Paralímpico. Parte da sua ação tem a ver com atletas de elite, com atletas que se preparam para o Rio2016. Mas antes do desporto de elite, temos o desporto base e isso está na alçada das federações. E a FPDD, uma federação multidesportiva, é um exemplo muito importante a este nível porque concentra a preparação de modalidades que consideramos absolutamente essenciais, como o boccia que é uma das modalidades mais medalhadas que temos. O atletismo, a natação... São modalidades que têm atletas em quadro de preparação. Mas outras podem vir a associar-se. Como o goalball... O goalball pode vir a atingir um nível de desenvolvimento em Portugal que possa vir a ter atletas no projeto Rio. Para nós o trabalho da FPDD é fundamental. Reconhecemos que houve um processo embrionário que não foi fácil. Teve de haver um processo de diplomacia para que as peças do puzzle se encaixassem... Porque antigamente tínhamos a FPDD com duas funções: desenvolver o desporto base e a preparação dos Jogos Paralímpicos. Mas com a lei de bases que instituiu o Comité Paralímpico de Portugal, o que veio a acontecer foi que uma das partes da responsabilidade da FPDD saiu. Saiu para uma organização específica. Nessa altura houve a natural dificuldade de encontrar o espaço de atuação de cada uma das entidades. Neste momento, considero que está absolutamente definido e estamos a falar de duas variações que estão a encaixar perfeitamente.

P&S – Ou seja, neste momento completam-se... E no projeto Rio será igual...

HS – A FPDD é uma parceira importante, sem dúvida alguma. A FPDD no projeto Londres, a exemplo da federação de Remo e da Equestre, fizeram parte da estrutura do projeto. Eu tinha lá um representante, o Carlos Lopes, que teve a incumbência de acompanhar este processo, tínhamos o nosso diretor técnico e tínhamos os técnicos das respetivas federações. E, em conjunto, partilharam todas as dinâmicas. Foi um processo articulado com as federações. A nossa proposta para o Rio é exatamente a mesma.

Órgãos Sociais do CPP: Humberto Santos (presidente); Joaquim Viegas, Fausto Pereira, José Lourenço, Luís Figueiredo e Humberto Gomes (vice-presidentes); Carlos Lopes (secretário-geral); Jorge Correia (tesoureiro); António Carneiro e Rui Oliveira (vogais); Armando Marques, António Churro e José Costa e Oliveira (conselho fiscal).

Membros do CPP: Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual (ANDDI Portugal); Associação Nacional de Desporto para Deficientes Motores (AND-DEMOT); Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Visual (ANDDVIS); Escola Superior de Desporto de Rio Maior (ES-DRM); Faculdade de Motricidade Humana (FMH); Federação Académica de Desporto Universitário (FADU); Federação de Andebol de Portugal (FAP); Federação de Desportos de Inverno de Portugal (FDI Portugal); Federação Equestre Portuguesa (FEP); Federação Portuguesa de Atletismo (FPA); Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD); Federação Portuguesa de Canoagem (FPC); Federação Portuguesa de Ciclismo (FPC); Federação Portuguesa de Golfe (FPG); Federação Portuguesa de Lutas Amadoras (FPLA); Federação Portuguesa de Ténis (FPT); Federação Portuguesa de Ténis de Mesa (FPTM); Federação Portuguesa de Taekwondo (FPT); Federação Portuguesa de Triatlo (FPT); Federação Portuguesa de Judo (FPJ); Federação Nacional de Karaté - Portugal (FNK); Federação Portuguesa de Orientação (FPO); Federação Portuguesa de Remo (FPR); Federação Portuguesa de Tiro (FPT); Federação Portuguesa de Vela (FPV); Liga Portuguesa de Desporto para Surdos (LPDS); Paralisia Cerebral - Associação Nacional de Desporto (PC-AND); Panathlon Clube de Lisboa; Universidade de Évora.